



UNIFASC
HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



PSICOLOGIA HOSPITALAR E A IMPORTÂNCIA DOS CUIDADOS PALIATIVOS COM PACIENTES ONCOLÓGICOS

SANTOS, Inglidy Cristina Silva dos ¹
SILVA, Marcos Pereira da ²

RESUMO: Este estudo investiga a importância dos cuidados paliativos (CP) na promoção do bem-estar emocional e na qualidade de vida de pacientes com câncer, com ênfase nas contribuições da psicologia hospitalar. A pesquisa foca nas necessidades emocionais desses pacientes e nas percepções dos familiares sobre o suporte prestado pelas equipes de saúde, além de analisar as diferentes abordagens aplicadas nos CP e a eficácia das intervenções psicológicas. Os resultados ressaltam a necessidade de desenvolver políticas públicas que priorizem os CP e a capacitação dos profissionais envolvidos. O estudo conclui que a psicologia hospitalar deve ter um papel mais significativo nos CP, contribuindo para uma assistência mais humanizada e interdisciplinar.

Palavras-chave: Cuidados paliativos. Psicologia hospitalar. Pacientes oncológicos. Saúde emocional.

ABSTRACT: This study explores the significance of palliative care (PC) in enhancing the emotional well-being and quality of life of cancer patients, with a particular focus on the contributions of hospital psychology. The research investigates the emotional needs of patients and the perceptions of their families regarding the support provided by healthcare teams. It also analyzes various approaches used in PC and evaluates the effectiveness of psychological interventions. The findings underscore the necessity for the development of public health policies prioritizing PC and the training of qualified professionals. The study concludes that hospital psychology should play a more prominent role in PC, fostering a more humane and interdisciplinary approach to patient care.

Keywords: Palliative care. Hospital psychology. Cancer patients. Emotional health.

¹Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santa Rita de Cássia (UNIFASC) Itumbiara – Goiás - Brasil. E-mail: cristinainglidy@gmail.com

²Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Santa Rita de Cássia (IFASC). E-mail: marcos.p_silva@icloud.com

1 INTRODUÇÃO

A psicologia hospitalar desempenha um papel crucial na aplicação de conhecimentos psicológicos no ambiente hospitalar com o objetivo principal de melhorar o bem-estar emocional e a qualidade de vida geral dos pacientes. Dessa forma, este campo se tornou um aspecto crucial do atendimento abrangente ao paciente, particularmente em situações complexas como o tratamento oncológico. Dentre os vários desafios encontrados por esses pacientes, a necessidade de suporte emocional qualificado é um fator-chave para melhorar o bem-estar e elevar a qualidade de vida (Cardoso et al., 2013).

Neste contexto, os cuidados paliativos se destacam como uma estratégia vital, fornecendo um sistema de suporte que vai além da mera intervenção médica para também lidar com o sofrimento psicológico, social e espiritual vivenciado pelos pacientes. Este estudo tem como objetivo investigar a importância dos psicólogos hospitalares dentro do âmbito dos cuidados paliativos, enfatizando seu papel crítico no suporte a pacientes oncológicos que lidam com os efeitos intrincados da doença e de seu tratamento (Bifulco, 2010).

À luz das circunstâncias mencionadas o objetivo principal deste estudo é explorar a importância dos cuidados paliativos na melhoria do bem-estar emocional e na qualidade de vida geral dos pacientes oncológicos, com especial enfoque nas contribuições da psicologia hospitalar. No que tange aos objetivos específicos, esta investigação pretende investigar as diversas abordagens utilizadas nos cuidados paliativos do doente oncológico; identificar as necessidades emocionais primárias dos pacientes com câncer no ambiente hospitalar; avaliar a influência das intervenções psicológicas em cuidados paliativos no bem-estar emocional dos pacientes oncológicos e avaliar a percepção dos familiares sobre o apoio prestado pelos serviços de cuidados paliativos (Mosser; Begun, 2015).

Tendo em conta o exposto, a investigação em apreço pretende responder à problemática acerca de que em qual medida os cuidados paliativos desempenham um papel crucial no bem-estar psicológico de pacientes oncológicos.

Considerando a importância deste estudo, foi formulada a hipótese segundo a qual a integração dos cuidados paliativos no apoio psicológico aos pacientes oncológicos desempenha um papel substancial na melhoria do seu bem-estar emocional e da qualidade de vida.

Dada a crescente prevalência do câncer e a natureza complexa do tratamento de pacientes oncológicos esta pesquisa se justificativa pela necessidade de uma abordagem abrangente para abordar as necessidades físicas, emocionais e sociais dos pacientes. A integração da psicologia hospitalar com os cuidados paliativos assume um papel vital na humanização do cuidado ao paciente, proporcionando uma assistência psicológica que alivia o sofrimento e melhora o bem-estar dos pacientes e seus familiares (Pinheiro, 2024).

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada para a realização desta pesquisa foi a de revisão bibliográfica, compreendendo um recorte temporal de Agosto a Outubro de 2024, um período de coleta de dados de três meses que foi implementado em ambiente virtual nos bancos de dados acadêmicos incluindo PubMed, SciELO, LILACS, PsycINFO e Google Acadêmico; fontes primárias para este estudo.

Para garantir a relevância e a atualidade das evidências foram incluídos apenas artigos acadêmicos revisados por pares abrangendo estudos de caso, revisões de literatura e relatos de experiência. A seleção considerou artigos em português, inglês e espanhol, com ênfase em estudos com pacientes adultos oncológicos que exploram o impacto do suporte psicológico nos cuidados paliativos. O objetivo foi identificar evidências sobre os benefícios da assistência emocional para o bem-estar e a qualidade de vida desses pacientes.

Os critérios de exclusão pautaram-se naqueles estudos de abordagem estritamente biomédica que não discutissem o contexto dos cuidados paliativos e do suporte psicológico; teses e dissertações não revisadas por pares, além de revisões narrativas e editoriais. Foram descartados também estudos exclusivamente efetuados com pacientes pediátricos ou adolescentes, exceto quando ofereciam descobertas relevantes para a população adulta, assim como pesquisas de áreas que não abordassem a interface entre oncologia, psicologia hospitalar e cuidados paliativos.

Esses critérios permitiram selecionar estudos específicos e de alta qualidade, alinhados ao objetivo central da pesquisa: investigar a integração do suporte psicológico no contexto dos cuidados paliativos oncológicos, enfatizando seu papel no cuidado humanizado e na promoção do bem-estar integral do paciente.

Para tanto, a busca foi efetuada utilizando descritores como: Psicologia Hospitalar, Cuidados Paliativos, Pacientes Oncológicos, Apoio Psicológico, Qualidade de

Vida, Saúde Mental, Oncologia Paliativa, Suporte Emocional e Bem-Estar.

A importância desta investigação reside no seu potencial para promover práticas mais eficientes e compassivas nos cuidados oncológicos, promovendo um modelo de cuidados que defenda a dignidade e o bem-estar geral dos pacientes. Assim, o estudo pretendido procura reunir evidências sobre a importância dos cuidados paliativos na área da oncologia, enfatizando a necessidade de políticas de saúde que incorporem o apoio psicológico como componente crucial da terapia oncológica.

3 HUMANIZAÇÃO NO ATENDIMENTO EM ONCOLOGIA

A Psicologia Hospitalar tornou-se um campo vital em ambientes de saúde, particularmente em áreas que desativam cuidados contínuos e intensivos, como oncologia. O psicólogo em um hospital serve como um guia para navegar pelos desafios fornecendo suporte emocional aos pacientes e suas famílias. Esse papel abrange escuta ativa, reconhecimento de emoções e incentivo aos mecanismos de enfrentamento que auxiliam os pacientes a gerenciar as repercussões emocionais de seu diagnóstico e tratamento.

A importância do papel do psicólogo é amplificada na oncologia devido ao peso emocional significativo que acompanha a doença. Pesquisas mostram que o suporte psicológico pode aumentar muito a adesão ao tratamento, aliviar sintomas de ansiedade e depressão e elevar a qualidade de vida geral dos pacientes. Os cuidados paliativos são caracterizados como uma abordagem focada em melhorar a qualidade de vida dos pacientes e de suas famílias, abordando questões relacionadas às condições de risco de vida por meio da prevenção e alívio do sofrimento. Para pacientes com câncer, os cuidados paliativos vão além de apenas abrandar a dor física; incluem também o gerenciamento do sofrimento psicológico, social e espiritual.

Neste cenário — especialmente diante da morte — Pessini (2014) afirma que a preservação da dignidade humana está intrinsecamente ligada ao cuidado prestado à dor e ao sofrimento. A questão em questão não é simplesmente uma questão técnica, mas sim uma questão que possui um imenso significado ético. O sofrimento tem o poder de evocar compaixão, transformando a empatia em atos tangíveis de humanidade, ao invés de meras expressões de piedade como “que pena”. A indiferença, por outro lado, serve para desumanizar e exacerbar a experiência de dor e sofrimento.

Através do sofrimento, o respeito é elevado e o medo é instilado à medida em que os indivíduos se deparam com a sua própria fragilidade, vulnerabilidade e mortalidade — todos esses, aspectos intrínsecos à existência humana.

Em oncologia a implementação de cuidados paliativos tem importância significativa, visto que vários pacientes suportam regimes de tratamento prolongados que podem envolver cirurgias, quimioterapia, radioterapia e várias outras intervenções invasivas. Dentro desta estrutura o papel do psicólogo se estende para além de meramente trabalhar a percepção dos sintomas físicos; ele ajuda os pacientes a descobrirem o significado e manter a dignidade à medida que se aproximam do fim da vida (Pessini, 2014).

Devido às condições de doença, o corpo humano hospitalizado encontra-se num estado de fragilidade física e psicológica sendo, portanto, a prática da psicologia hospitalar necessidade do homem e do seu modo de existência num sentido global e mais abrangente. A contribuição da psicologia no campo da saúde, especialmente nos hospitais, tem sido muito relevante nos últimos anos para resgatar o ser humano de uma mera dimensão físico-biológica e colocá-lo num contexto maior de sentido e significação em suas dimensões psíquicas, sociais e espirituais (Pessini; Bertachini, 2014).

O objetivo principal das intervenções psicológicas em cuidados paliativos é então aliviar o sofrimento psicológico e melhorar a qualidade de vida, e para tanto; vários métodos, incluindo terapia cognitivo-comportamental, aconselhamento e práticas baseadas em atenção plena; são utilizados para auxiliar os pacientes a gerenciar o estresse, a ansiedade e a frequente depressão, patologias psíquicas associadas ao diagnóstico e tratamento do câncer.

Os cuidados paliativos prestam-se portanto a trazer à evidência o humanismo, que se perde nas ações modernas de saúde carregadas de tecnologia e de eficácia curativa, mas — infelizmente; vazias de sentido no que diz respeito à empatia, à ternura, ao carinho, ao calor humano sendo, portanto, ineficazes em toda a sua potencialidade no que concerne ao alívio do sofrimento do indivíduo. Assumir este papel é a proposta da psicologia hospitalar, entre outras, nos cuidados paliativos; quando orienta o olhar para o paciente — sujeito de uma vida e de uma história e não prisioneiro de uma doença — sendo, talvez, este; o componente mais importante das práticas de saúde, pois mesmo que esta doença seja incapacitante, crônica e limitante sempre haverá resgate possível, pois com a adaptação é possível manter a dignidade e a qualidade de vida (Pinheiro, 2024).

No âmbito dos cuidados paliativos o psicólogo hospitalar assume uma posição integrativa vital na equipe multidisciplinar trabalhando ao lado de médicos, enfermeiros, assistentes sociais e vários outros profissionais de saúde para fornecer cuidados abrangentes aos pacientes. O papel do psicólogo é essencial para o reconhecimento rápido de distúrbios e emocionais orientando a intervenção em crises, o que pode auxiliar na acessibilidade do tratamento e ajudar os pacientes a lidar com a doença (Pinheiro, 2024).

A colaboração entre profissionais de saúde aprimora o atendimento prestado aos pacientes tornando este atendimento mais holístico e compassivo. Esse trabalho em equipe não apenas alivia os sintomas físicos, mas também oferece suporte emocional substancial, que pode melhorar significativamente a experiência do paciente durante o tratamento paliativo.

Neste contexto, a importância dos cuidados paliativos não pode ser negligenciada, posto que proporcionam uma abordagem holística que vai além da gestão dos sintomas físicos e inclui apoio psicológico e social abrangente. Desta forma, embora haja evidências substanciais destacando a importância da psicologia hospitalar nos cuidados paliativos oncológicos, ainda persistem desafios e lacunas que devem ser superados através de mais pesquisas a fim de que seja possível explorar a eficácia de várias abordagens psicológicas e sua implementação em diferentes cenários (Pinheiro, 2024).

Além disso, a formação contínua de profissionais e a integração consistente de psicólogos em equipes multidisciplinares são aspectos críticos que precisam de mais foco para garantir um cuidado completo e compassivo. Aqui persiste, portanto, o fomento a reflexão sobre a importância dos psicólogos hospitalares nos cuidados paliativos oncológicos, defendendo uma perspectiva integrada e multidisciplinar que enfatize o valor do apoio psicológico no tratamento de pacientes com câncer.

3.1 Cuidados paliativos

No contexto da assistência ambulatorial a equipe multiprofissional desempenha um papel crucial no apoio terapêutico, social e emocional aos pacientes que estão recebendo cuidados paliativos. A qualificação contínua dessa assistência, pautada em evidências, orienta a equipe na tomada de decisões em momentos críticos, assim como no cuidado cotidiano. Dessa forma, a busca consiste em oferecer um atendimento cada vez mais especializado, humanizado e eficiente.

A palavra "paliativo" tem origem no latim *pallium*, que significa "manta" ou "coberta", e remete à ideia de proporcionar proteção e conforto ao paciente. A abordagem paliativa é ampla, abrangendo não apenas o aspecto físico da doença, mas também os aspectos psicológicos, sociais e espirituais do paciente (Pessini, 2006). Segundo Maciel (2008), o foco principal dos cuidados paliativos não é a cura da doença, outrossim o cuidado do paciente que deve ser visto como um ser com história e autonomia, que tem direito a informações e ao controle sobre suas decisões no tratamento.

Conforme salienta a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (2012), existe uma deficiência na formação de profissionais de saúde — especialmente enfermeiros — em cuidados paliativos. Essa lacuna ocorre, em parte, devido à escassez de residências na área e à oferta limitada de cursos de especialização e pós-graduação de qualidade, o que impacta diretamente na qualificação da assistência e no número de profissionais capacitados a atuar em paliativismo.

No tratamento de pacientes oncológicos, os cuidados paliativos têm um papel central determinado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que recomenda que pacientes com doenças incuráveis recebam cuidados paliativos desde o momento do diagnóstico. Esses cuidados devem ser iniciados quando a doença é detectada e a possibilidade de cura é incerta ou quando o tratamento curativo já não é mais eficaz e a doença continua a progredir (Brasil, 2017).

Historicamente, os cuidados paliativos eram voltados principalmente para pacientes oncológicos em estágios avançados, sem chance de sobrevivência. Tal associação é compreensível, visto que, desde os registros mais antigos, o câncer esteve estreitamente ligado à morte. No entanto, com os avanços da quimioterapia e radioterapia a partir da década de 1950; começaram a surgir os primeiros sobreviventes do câncer (Silva, 2008).

As equipes de cuidados paliativos são compostas por profissionais de diferentes áreas que trabalham de forma integrada para atender às necessidades físicas, emocionais, sociais e espirituais dos pacientes. Para os cuidados paliativos no contexto oncológico é recomendada a atuação de uma equipe multiprofissional composta por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas e fisioterapeutas, a fim de seja ofertado suporte tanto aos pacientes quanto às suas famílias, visando um cuidado completo e humanizado (Brasil, 2017).

3.2 O papel do Psicólogo nas equipes de Cuidados Paliativos.

A função do psicólogo em equipes de Cuidados Paliativos (CP) destaca a importância da integração entre teoria e prática, contribuindo para definir sua identidade dentro desse contexto. Conforme Nunes (2009), o trabalho em CP gera questionamentos e desafios que exigem do psicólogos respostas criativas, embasadas em um referencial teórico sólido, como psicanálise, psicologia analítica, psicologia social, análise do comportamento e fenomenologia, entre outras abordagens.

Breitbart (2009), pontua que, na psicoterapia com pacientes terminais, dois princípios universais orientam as intervenções: o apoio e o não-abandono. A meta mais ambiciosa da psicoterapia é ajudar o paciente a alcançar um estado de aceitação tanto da vida que viveu quanto da morte iminente. Já Pérez-Ramos (2004) afirma que o paciente em fase terminal frequentemente busca no psicólogo a ajuda necessária para compreender e superar as dificuldades emocionais geradas pela doença.

A percepção dos profissionais sobre seu papel na assistência ao paciente em situação crítica é crucial para o funcionamento interprofissional, pois suas ações, responsabilidades e competências tornam o cuidado mais eficaz e ajustado às necessidades emergentes (Silva, 2008).

Na abordagem de pacientes oncológicos terminais, a intervenção psicológica no processo de morrer pode aliviar o sofrimento ao oferecer uma "escuta interessada" e uma "companhia viva". Essa prática permite ao psicólogo explorar áreas psíquicas raramente acessadas, proporcionando um espaço para que o paciente expresse sentimentos através de imagens mentais e representações verbais que surgem ao longo da interação.

Além disso, Comas e colaboradores (2003), destacam que o psicólogo ao abordar questões profundas sobre a vida e a morte, auxilia o paciente a refletir sobre os momentos significativos de sua vida, assim possibilitando a elaboração emocional desses eventos e promovendo pensamentos reconfortantes sobre o processo de morrer. O trabalho do psicólogo também envolve ajudar o paciente a resolver pendências e facilitar despedidas e silêncios.

Nos serviços de assistência oncológica o caráter multiprofissional é fundamental para garantir o controle dos sintomas físicos, psíquicos e sociais desde o diagnóstico até os momentos finais da vida do paciente (Brandi; Cavasini, 2013). Para acompanhar a complexidade da demanda os profissionais da saúde têm buscado especialização e formação de equipes de trabalho que garantam um atendimento de excelência (Mosser; Begun, 2015).

O trabalho em equipe é mais eficaz quando é estruturado em estratégias que promovem a interação entre as especialidades e as profissões, garantindo um cuidado integral ao paciente (Peduzzi, 2016). Mosser e Begun (2015), acrescentam que a eficácia desse trabalho se deve à combinação de valores, conhecimentos e habilidades que os membros da equipe devem desenvolver para atuar de forma colaborativa.

Para atuar de maneira colaborativa, os profissionais de saúde precisam desenvolver competências específicas que incluem foco no paciente, orientação para o trabalho em equipe, além de colaboração e gestão da equipe. A equipe multiprofissional se caracteriza pela diversidade de formações e pelo trabalho conjunto, visando sempre ao bem-estar do paciente (Bifulco, 2010).

Profissionais envolvidos em CP oncológicos reconhecem a importância de suas ações percebendo que seu envolvimento direto torna a assistência não apenas qualificada, mas também mais humana. O caráter multiprofissional implica a colaboração entre diferentes áreas de competência, com cada profissional contribuindo de forma integrada (Bifulco, 2010).

A morte, embora presente na prática das equipes de saúde, continua a gerar desafios emocionais, pois lidar com pacientes em fase terminal pode mobilizar sentimentos como frustração, compaixão e tristeza, afetando a saúde mental dos profissionais e impactando sua qualidade de vida (Barbosa; Souza; Moreira, 2014).

O psicólogo também desempenha um papel importante na facilitação da comunicação entre paciente e família auxiliando na resolução de reações como mutismo, hostilidade e confusão. Segundo Comas et al. (2003), o psicólogo ajuda a desbloquear esses impasses, oferecendo informações sobre a doença e promovendo a participação ativa dos familiares nos cuidados.

No que se refere aos rituais de despedida, Lisboa e Crepaldi (2003) apontam que essa prática possibilita o fechamento de ciclos, permitindo que o paciente e seus familiares expressem pedidos de perdão, agradecimentos e despedidas. Esses rituais — comuns em doenças crônicas avançadas — proporcionam alívio emocional tanto para o paciente quanto para seus entes queridos diminuindo o sentimento de impotência e culpa, além de permitir que vejam o processo da morte de forma mais positiva. Assim, o trabalho na área da saúde afeta tanto a saúde física quanto a psicológica dos profissionais levando a consequências psicológicas que podem interferir na vida pessoal e profissional, sendo, por isso, essencial que instituições de saúde ofereçam suporte para o bem-estar mental de seus profissionais (Cardoso et al., 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste trabalho enfatiza a importância dos cuidados paliativos (CP) para o bem-estar emocional e a qualidade de vida de pacientes com câncer, com um foco especial nas contribuições da psicologia hospitalar. A pesquisa se propôs a investigar a atuação psicológica nesse contexto, abordando as necessidades emocionais dos pacientes e as percepções dos familiares sobre o apoio recebido das equipes de saúde. Além disso, foram analisadas as diversas abordagens aplicadas nos CP e a efetividade das intervenções psicológicas no ambiente hospitalar.

Considerando o aumento significativo das doenças crônicas como o câncer, a pesquisa aponta para a urgência de estabelecer políticas públicas que priorizem os cuidados paliativos. É essencial formar profissionais qualificados para lidar com as complexas necessidades dos pacientes em situação de palição, especialmente diante da escassez de publicações na área por psicólogos. A hipótese de que a combinação dos cuidados paliativos com o apoio psicológico impacte positivamente o bem-estar emocional dos pacientes foi confirmada ao evidenciar a importância das intervenções psicológicas na qualidade de vida desses indivíduos.

Os resultados indicam que as intervenções psicológicas não apenas mitigam o sofrimento emocional, mas também são fundamentais para facilitar a comunicação entre pacientes, familiares e a equipe de saúde. Conceitos como "escuta interessada" e "não-abandono" emergiram como elementos essenciais para oferecer conforto e auxiliar na elaboração de questões pendentes, promovendo um enfrentamento mais humanizado da morte.

Portanto, é vital que a psicologia hospitalar tenha uma presença mais significativa nos CP, tanto na prática quanto na pesquisa. A articulação entre os CP e o apoio psicológico, demonstrada por meio deste estudo, resulta em intervenções mais eficazes e fortalece a assistência integral ao paciente oncológico. Com isso, a expectativa é de que a pesquisa incentive novas investigações e sensibilize tanto profissionais quanto acadêmicos sobre a importância do suporte emocional no atendimento a pacientes em fase terminal, promovendo uma assistência cada vez mais humanizada e integrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D. V. et al. Academia Nacional de Cuidados Paliativos (2012). Manual de cuidados paliativos. Rio de Janeiro: ANCP. Mestrado em Enfermagem Área de Especialização em Enfermagem Médico-Cirúrgica, Área de Intervenção em Enfermagem Oncológica, v. 18, n. 09, p. 57.

BARBOSA, Silvânia da Cruz; SOUZA, Sandra; MOREIRA, Jansen Souza. A fadiga por compaixão como ameaça à qualidade de vida profissional em prestadores de serviços hospitalares. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 14, n. 3, p. 315-323, 2014.

BIFULCO, Vera Anita et al. Psico-oncologia: apoio emocional para o paciente, a família e a equipe no enfrentamento do câncer. BIFULCO, VA; FERNANDES JÚNIOR, HJ; BARBOZA, A. B. **Câncer: uma visão multiprofissional**. Barueri, SP: Manole, p. 231-243, 2010.

BRANDI, A. C.; CAVASINI, S. M. Psicologia como Suporte de Apoio ao Paciente, à Família e à Equipe em Oncologia. FONSECA, SM; PEREIRA, SR **Enfermagem em Oncologia**. São Paulo: Editora Atheneu, p. 305-314, 2013.

BRASIL, Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer (INCA). Estimativa 2018: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: Inca, 2017.

BREITBART, W. Retidão, integridade e cuidado: Como viver frente à morte. **Revista Brasileira de Cuidados Paliativos**, v. 3, p. 5-15, 2009.

COMAS, M. D.; SCHRÖDER, M.; VILLABA, O. Intervención psicológica en una unidad de cuidados paliativos. **El psicólogo en el ámbito hospitalario**, p. 777-813, 2003.

LISBÔA, Márcia Lucrecia; CREPALDI, Maria Aparecida. Farewell ritual in relatives of patients with a terminal disease. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 13, p. 97-109, 2003.

MOSSER, Gordon; BEGUN, James W. Compreendendo o trabalho em equipe na saúde. Artmed Editora, 2015.

MOTA, Marina Soares et al. Reacciones y sentimientos de lo equipo de enfermeros delante a la muerte de los pacientes bajo suyos cuidados. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, p. 129-135, 2011.

NUNES, L. V. Papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos. In: ABCP Academia Nacional de Cuidados Paliativos. **Manual de cuidados paliativos** (pp. 218- 220). Rio de Janeiro: Diagraphic, 2009.

PEDUZZI, Marina. O SUS é interprofissional. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, n. 56, p. 199-201, 2016.

PINHEIRO, Priscila Borges. Psicologia hospitalar e cuidados paliativos em pacientes oncológicos. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 3, p. e1913345172-e1913345172, 2024.



RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



PESSINI, L. Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar. **Revista Bioética**, 10(2), 51-72, 2014.

PESSINI, Léo. A filosofia dos cuidados paliativos: uma resposta diante da obstinação terapêutica. **Mundo saúde (Impr.)**, p. 15-32, 2006.

PESSINI, Leocir; BERTACHINI, Luciana. **Humanização e cuidados paliativos**. Edições Loyola, 2004.

RAMOS, A. M. Q. P. Preservação da saúde mental do psicólogo hospitalar. **Atualidades em Psicologia da saúde**, p. 29-56, 2004.

SILVA, G. F. Os sentidos subjetivos de adolescentes com câncer. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Puccamp, 2008.